

Outra metodologia para as pesquisas em ciências humanas

Other methodology to the research in human sciences

Vagner de Souza Vargas

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL
vagnervarg@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6350-9256>

Krischna Silveira Duarte

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL
krischna.duarte@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5149-5483>

Denise Marcos Bussoletti

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL
denisebussoletti@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1399-2534>

Daniel da Silva Vieira

Universidade Nova de Lisboa – UNL
daniel.vieira@campus.fcsh.unl.pt
<https://orcid.org/0000-0001-7314-8864>

Mariana Vargas Gaudenzi

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense - IFSUL
marianavargg@gmail.com

RESUMO

Algumas necessidades contemporâneas requerem diferentes abordagens em pesquisas acadêmicas na grande área das ciências humanas. Nesse sentido, este artigo pretende apresentar a metodologia de pesquisa do surrealismo etnográfico como uma alternativa a estudos que desejem focalizar suas investigações a partir de análises que não venham ao encontro das maneiras pelas quais outras abordagens metodológicas tradicionais o têm feito no Brasil. O surrealismo etnográfico se mostra como uma alternativa contemporânea para se hibridizar os campos de pesquisa e escrita acadêmica entre a educação e as artes. Investigações que se dediquem à análise das subjetividades, do sensível e do afetivo encontrarão no surrealismo etnográfico uma alternativa para desenvolverem seus estudos. Constituído a partir de adaptações de alguns princípios de origem na etnografia e no movimento surrealista, o surrealismo etnográfico surge como possibilidade de acesso às subjetividades, possibilitando ao pesquisador uma abordagem diferenciada de lidar com as análises, pesquisa de campo e, inclusive, com a escrita de pesquisa, associando

elementos textuais e estéticos, quando necessários. Considera-se que esta metodologia borra algumas fronteiras entre as diferentes áreas que constituem o grande campo das ciências humanas, propiciando reflexões ainda não contempladas por outras abordagens metodológicas das pesquisas acadêmicas em nosso país até o presente momento.

Palavras-chave: Educação, Ciências Humanas, Metodologia de Pesquisa, Surrealismo Etnográfico.

ABSTRACT

Some contemporary needs require different approaches in academic research in the larger area of human sciences. In this sense, this article aims to present the research methodology of the ethnographic surrealism as an alternative to studies that wish to focus their investigations in analyzes that do not figure within the ways in which other traditional methodological approaches have done in Brazil. Ethnographic surrealism appears as a contemporary alternative to hybridize the research fields and academic writing between education and the arts. Investigations that devote themselves to the analysis of subjectivities, the sensitive and the affective will find in ethnographic surrealism an alternative to develop their studies. Constituted from adaptations of some principles of origin in ethnography and the surrealist movement, ethnographic surrealism emerges as a possibility of access to subjectivities, allowing the researcher a different approach to deal with analysis, field research and even research writing, associating textual and aesthetic elements, when necessary. It is considered that this methodology blurs some borders between the different areas that constitute the great field of the human sciences, propitiating reflections not yet contemplated by other methodological approaches of the academic researches in our country until the present moment.

Keywords: Education. Human Sciences. Research Methodology. Ethnographic Surrealism.

Introdução

As necessidades contemporâneas demandam que as ciências humanas repensem e reflitam sobre *outras*¹ alternativas relacionadas ao modo como desenvolvem seus estudos em um contexto no qual, em sua maioria, já não se configura mais em possibilidades investigativas conforme as características que haviam quando diversas metodologias de pesquisa nessa área foram propostas. Apesar de muitas das abordagens metodológicas tradicionais nestas áreas terem seus direcionamentos e achados conforme os

¹ Ao longo deste texto, utilizaremos as palavras *outro(s)*, *outra(s)* em itálico, pois desejamos, com isso, ressaltar uma ênfase a algum aspecto diferenciado e amplo sobre o que se está abordando na discussão naquele momento. Esse recurso também é utilizado para ressaltar que não estamos utilizando essas palavras apenas como pronomes indefinidos. Quando indicarmos essas palavras em itálico, estamos convidando o leitor a refletir sobre possibilidades distintas das até então desenvolvidas sobre o aspecto que estaremos expondo naquele momento do texto desse artigo. Desejamos que o leitor também considere estas palavras em itálico como um tipo de provocação à reflexão desapegada das maneiras habituais como se depara com a leitura de um texto.

requerimentos e as perspectivas do que venham a analisar, os avanços nos campos do conhecimento suscitam que *outras* abordagens também sejam possíveis, investigando e refletindo sobre assuntos que extrapolariam os limites metodológicos das pesquisas tradicionais nas ciências humanas.

Nesse sentido, surge o direcionamento deste texto quando nos propomos a apresentar a metodologia do surrealismo etnográfico como uma abordagem singular a perspectivas de pesquisas que se abram a reflexões e questionamentos sobre possibilidades que não se enquadram nos objetivos e propostas de outras metodologias de estudos em ciências humanas. Antes de darmos continuidade a este artigo, salientamos que estamos tratando aqui as ciências humanas envolvendo, de maneira ampliada, todas as interfaces de suas áreas do conhecimento, como por exemplo, a educação e as artes.

Além de expor algumas características e procedimentos que vêm sendo realizados para o desenvolvimento da proposta de surrealismo etnográfico, também gostaríamos de ressaltar que, dadas às características de sua concepção epistemológica, neste texto, também refletimos sobre *outras* propostas inclusive para a escrita de pesquisa acadêmica que atenda às necessidades dessa área do conhecimento. Por se tratar de uma proposta relativamente nova e ainda com poucos estudos utilizando o surrealismo etnográfico como abordagem metodológica de escrita e pesquisa acadêmica em educação, já de antemão gostaríamos de expor que essa proposta permanece sendo desenvolvida em nosso grupo de pesquisas nos últimos anos (BUSSOLETTI, 2007; COSTA, 2014; VARGAS; BUSSOLETTI, 2015; MARTINO, 2015; BUSSOLETTI; VARGAS, 2015; DUARTE, 2017; VARGAS, 2018; RIBEIRO, 2018). Aqui, apresentaremos essa proposta e refletimos sobre o que viemos realizando até então seguindo essa abordagem, além de possibilidades reflexivas que podemos ter com essa proposta. Ao mencionar isso, pretendemos dizer que, neste texto, estamos fazendo apontamentos, com o intuito de indicar o que pode ser feito e, também, o que tem sido realizado até o presente momento para o desenvolvimento dessa abordagem metodológica. Desse modo, consideramos que estamos dando mais um passo, também em exercício analítico, com o intuito de ressaltar a dimensão pedagógica da abordagem de pesquisa por meio do surrealismo etnográfico e de suas singularidades de percursos investigativos até o presente momento.

Este trabalho se insere nas atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Artes, Linguagens e Subjetividades (NALS)², na Faculdade de Educação (FAE)³, da Universidade

² Núcleo de Artes, Linguagens e Subjetividades (NALS). Disponível em: <<http://nals-ufpel.webnode.com/> e <http://wp.ufpel.edu.br/gipnals/>>. Acesso em 10 novembro 2017.

Federal de Pelotas (UFPEL), ao sul do Brasil, identificando-se com as premissas éticas, estéticas e pedagógicas defendidas pelos seus participantes, do qual também faz parte o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS)⁴. As abordagens do NALS também propõem um *outro* olhar epistemológico sobre a educação, buscando alternativas diferenciadas das hegemonicamente espreadas pelo formalismo das práticas tradicionais da academia brasileira (BUSSOLETTI; VARGAS, 2016).

As ciências humanas, as artes e, em especial, a educação apresentam particularidades que as diferenciam não apenas em caráter epistemológico, mas também por proporcionarem delineamentos de pesquisa que não se vinculam com a objetividade e o positivismo de outras ciências. Apesar de muitos estudos na área da educação se legitimarem em estruturas e predefinições que dialogam estreitamente com os princípios metodológicos das ciências duras, existem abordagens de pesquisa que não necessitam se encerrar nesses aspectos por uma própria especificidade do seu campo do saber, ou devido ao conteúdo do seu mote de investigação. Entretanto, isso nem sempre é bem visto pelos olhos deterministas de alguns pesquisadores dessa área que se assentam nas legitimações dos estudos apenas quando eles se enquadram dentro das perspectivas atreladas ao objetivismo de uma lógica racional e linear que se propõe a explicar todos os fenômenos por meio de fórmulas matemáticas ou modelos estruturalmente já normatizados hegemonicamente pela história científica como únicos meios de se desenvolverem pesquisas. Nesse sentido, em pleno século XXI, dados os avanços nos campos dos conhecimentos contemporâneos e a abertura às necessidades de diversidades ontológicas de motes de estudos, o surgimento de novas metodologias de pesquisa com abordagens diferenciadas, configura-se como uma necessidade em atender às demandas de pesquisas acadêmicas da atualidade.

Existe um conjunto de pressupostos que sustenta a base epistemológica desta proposta aqui apresentada. Dentre esses, destacamos, como ponto de partida, a profunda convicção de que “toda ciência implica opção” (LOWY, 1987, p. 195). Sendo assim, também consideramos que eles representam, conforme referido por Lowy (1987, p. 12-13), uma determinada visão de mundo, compreendendo-a como sendo um “conjunto orgânico,

³ Faculdade de Educação (FaE)/Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/fae/>>. Acesso em: 10 novembro 2016.

⁴ Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS). Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8617182357200286>>. Acesso em: 10 novembro 2016.

articulado e estruturado de valores, representações, ideias e orientações cognitivas, internamente unificadas, por um outro ponto de vista”.

Para se conceber a proposta do surrealismo etnográfico, consideramos importante agregar às premissas epistemológicas de Lowy (1987) o que Bussoletti (2010, p. 20) se refere ao dizer que: “entre o real e a realidade existe a sua fabricação. Esta realidade fabricada circunscreve o horizonte de sensibilidade”. A noção de horizonte de sensibilidade referida por Bussoletti (2010) abre as margens das perspectivas de visão sobre um determinado tema/contexto, ampliando-as para além do linear, além do multifocal, possibilitando que se esteja trabalhando em um campo epistemológico que permita as possibilidades de análises, reflexões e diálogos com elementos vivos em constante transformação, agregando subsídios oriundos de diferentes linguagens com o intuito de ampliar suas reflexões. A perspectiva epistemológica aqui assumida se configura nesse entre-espaco conceitual, campo fronteiro, hibridizador ativo e incessante por sua própria ontologia dialógica, que não ignora os processos históricos, mas que amplia os movimentos reflexivos para possibilidades *outras* com as subjetividades, o simbólico, o alegórico, o sensível, o fragmentado e o estético, assumindo suas premissas como também legítimas para aprofundar potenciais de reflexão ao sujeito do conhecimento contemporâneo e suas relações sociais (VARGAS, 2018).

Surrealismo etnográfico: uma proposta metodológica

O conceito de surrealismo trazido a este contexto tem suas origens no manifesto surrealista de meados do século XX. Nesse movimento, uma de suas propostas, identificava que a realidade vivida podia ser inventada e, como tal, poderia existir uma perspectiva *outra* de realidade que fizesse análises e proposições de mundo que abrissem oportunidades para discussões a partir de *outras* perspectivas, mais profundas, diferenciadas, sobrepostas, justapostas e libertas das noções hegemonicamente normatizadas como únicas perspectivas sociais possíveis, ou seja, uma *outra* maneira de encarar a realidade (BRETON, 2001). Alguns aspectos dos princípios conceituais de origem desse movimento são aqui adaptados como meios de enlace para um recorte com as necessidades de inspirações epistemológicas para essa metodologia de pesquisa que vem sendo desenvolvida em nosso grupo.

Entretanto, mesmo com as especificidades estéticas e conceituais do surrealismo, as possibilidades de adaptações de alguns desses princípios oferecem perspectivas *outras* para enfrentar um delineamento de pesquisa que se desprenda dos laços estabelecidos pelas ciências e metodologias tradicionais, possibilitando a criação de uma abordagem que se proponha a reflexões a partir de pontos de vista diferenciados dos até então normatizados. Mas, que pontos de vista seriam esses e de que maneira o surrealismo os potencializa? Quando nos referimos ao surrealismo, também ressaltamos Clifford (2008) ao expor que

Estou usando o termo *surrealismo* num sentido obviamente expandido, para circunscrever uma estética que valoriza fragmentos, coleções curiosas, inesperadas justaposições – que funciona para provocar a manifestação de realidades extraordinárias com bases nos domínios do exótico e do inconsciente (CLIFFORD, 2008, p. 122).

Nesse sentido, consideramos o surrealismo como uma atividade visando à fragmentação e à justaposição de informações/experiências dinâmicas que se sobrepõem e se movimentam constantemente, não apenas aquelas textualmente expostas, mas também incluindo aqui, aquelas que são transmitidas em patamares mais profundos como que suspensas em uma *outra* realidade também existente. Essa concepção de surrealismo se mostra importante a qualquer pesquisa que se desenvolva, mergulhe e transite por entre-espacos que necessitam de liberdade, fluidez e amplitude de voo para descobrir onde e como os sentidos e significados podem ser gerados/dinamizados, distanciando-os dos locais facilmente acionados pela observação direta e objetiva, como por exemplo, na análise superficial de um texto, nas descrições de processos investigativos, nas expressões corporais externas ou na fixação da verbalização das palavras, sem percebermos singularidades que podem estar presentes em *outros* aspectos da vida que não sejam de caráter concreto e objetivo. Direcionar a pesquisa a esses entre-espacos, significa adentrar à seara daquilo que não está estabelecido e/ou que não é dito, um ante-espaco, um não-lugar, uma suspensão espaço-temporal que é um todo potência de existência subjetiva, nos quais, muitas vezes, a palavra textual não consegue dar conta de suas possibilidades, pois lhe faltam braços para abarcar os potenciais de sentidos e significados (VARGAS, 2018).

Defendemos que, ao assumir uma atitude embasada em um híbrido entre etnografia e surrealismo para a pesquisa em educação, permitir-se-á o acesso à investigação de uma realidade presente em um universo não aparente, que transita por um tipo de imaginário, pelos campos do inconsciente e da estética, que revela intenções e questões presentes em nosso universo interior/ulterior ou em tessituras da realidade que

necessitam de *outro* tipo de abertura para serem evidenciadas (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013a; 2014a; BUSSOLETTI, 2014a; BUSSOLETTI; VARGAS; RIBEIRO 2014; VARGAS, 2018). Sobre essa peculiaridade, adaptamos ao que Clifford (2008) se refere, pois acreditamos que, assim, isso nos ajuda a tornar a abordagem de metodologia surrealista mais próxima ao que propomos, quando esse autor expõe que

A realidade não era mais um dado, um ambiente natural e familiar. O *self*, solto de suas amarras, deve descobrir o sentido onde for possível – um dilema, evocado em sua forma mais niilista e que está subjacente tanto no surrealismo quanto na etnografia moderna (CLIFFORD, 2008, p. 123).

Consideramos que o niilismo exposto por Clifford (2008) na citação acima se refira à percepção constante de que a investigação, por mais que adentre questões presentes em um universo que dialoga com o nosso íntimo e também com o inconsciente, ela não necessariamente precisa se perder nesse caminho e se deixar levar por percepções metafísicas. Porém, não excluímos a possibilidade de que a metafísica seja o foco de algum estudo que esteja abordando essa metodologia. Mas, não tem sido o caso em nossas pesquisas até o momento. Mesmo que se parta de uma percepção unitária, os arranjos e reflexões abordados de acordo com essa premissa permitem a sua comparação com outros contextos, pois ao identificar e refletir sobre a imersão dos sentidos e significados contidos no ambiente de profundidade do inconsciente, podemos efetuar o mesmo tipo de análise para outros campos em que se deseje uma reflexão mais abrangente, em vivenciamento, observando questões que vão além do aparente e objetivamente exposto, explicações essas que dialogam com o conceito de excedente de visão, referido por Bakhtin (2011) e ampliado para a proposta de Vargas (2018).

Clifford (2008) sugere que essa aceção de surrealismo permite comparações culturais e possibilidades de arranjos para refletirmos sobre *outros* aspectos de re/significação dos objetos/sujeitos/assuntos/motes/focos de pesquisa. Para Bussoletti (2007, p. 108), “o surrealismo é uma arma poderosa que permite romper grades, quebrar vidraças, soltar amarras, revelar que o novo também é lugar de opção”. Nessa condição de novidade, consideramos que assumir o surrealismo etnográfico como base epistemológica, propicia um grande avanço em liberdade empírica, com o intuito de investigar campos de análise não aprisionados nas metodologias de pesquisa tradicionais, o que acreditamos possibilitar estar mais próximo da criação nesses campos de estudo e em profundo diálogo com a estética. A etnografia e o surrealismo, segundo os pontos de vista aqui assumidos,

conferem elementos que indicam o caminho da aproximação prática para essa abordagem.

Sobre esse assunto, relacionamos Clifford (2008) quando diz que

Uma prática etnográfica surrealista ataca o familiar, provocando a irrupção da alteridade – o inesperado. [...] ambas são elementos no interior de um complexo processo que gera significados culturais, definições de nós mesmos e do outro. [...] momento de justaposição metonímica de sua sequência usual, um movimento de comparação metafórica no qual fundamentos consistentes para similaridade e diferença são elaborados. O momento surrealista em etnografia é aquele no qual a possibilidade de comparação existe numa tensão não mediada com a mera incongruência. Esse momento é repetidamente produzido e suavizado no processo de compreensão etnográfica (CLIFFORD, 2008, p. 152-153).

Ao expormos o que está referido acima, consideramos que essa proposta também abre possibilidades para que se procedam *outros* diálogos/encontros/desencontros/provocações com escritas de pesquisa em educação, artes e nas ciências humanas de um modo geral que se proponham a interlocuções diferenciadas no seu próprio ato de composição textual, podendo ele ser composto por diferentes elementos e não apenas com palavras, incluindo aí a estética como um meio interlocutor-reflexivo de um tipo de escrita de pesquisa que possibilita a abrangência de *outras* instâncias discursivas mais amplas das que apenas desenvolvidas por meio das palavras textuais. Fato esse também desenvolvido por Vargas (2018) em seu trabalho, ao buscar refletir sobre as dinâmicas entre a palavra e o subtexto. Mas, como articular tais questões?

O surrealismo etnográfico na pesquisa em educação

Quando estamos propondo uma perspectiva diferenciada para o campo da educação, sabemos que, antes de mais nada, necessitamos expor as terminologias e conceitos que nos conduziram a essa proposta. Nesse sentido, iniciamos por compreender de maneira ampliada o que Clifford (2008) afirma sobre etnografia:

O termo etnografia, tal como estou usando aqui, é diferente, evidentemente, da técnica de pesquisa empírica de uma ciência humana que na França foi chamada de etnologia, na Inglaterra, de antropologia social e na América, de antropologia cultural. [...] O rótulo etnográfico sugere uma característica atitude de observação participante entre os artefatos de uma realidade cultural tornada estranha. [...] pesquisador no campo, que tenta tornar compreensível o não familiar, tendia a trabalhar no sentido inverso, fazendo o familiar se tornar estranho (CLIFFORD, 2008, p. 125).

Compreender etnografia sob *outro* ponto de vista propõe esse processo complexo de estranhamento. Partimos, assim, de Clifford (2008), seguindo uma inspiração nas adaptações de suas propostas, conforme feito por Bussoletti (2007). Sendo assim, a atitude etnográfica, conforme indicada por Clifford (2008) e adaptada por Bussoletti (2007) em sua tese de doutorado, vem ao encontro desta fundamentação, com o intuito de expandi-la para contextos mais ampliados, após um estranhamento e distanciamento crítico das possibilidades reflexivas aí emergidas. Sobre essa questão, Clifford (2008, p.123) considera que se pode “ver a cultura e suas normas – beleza, verdade, realidade – como arranjos artificiais suscetíveis a uma análise distanciada e a uma comparação com outros arranjos possíveis é crucial para uma atitude etnográfica”. Assim, a atitude etnográfica aqui referida seguiu uma inspiração nas ideias propostas pelo autor supracitado.

Nos últimos anos, a partir dessa abordagem epistemológica, algumas pesquisas vêm sendo realizadas utilizando o surrealismo etnográfico como metodologia para a condução de tais estudos. Suas propostas se coadunam em uma perspectiva ampliada capaz de vir a provocar processos investigativos esteticamente hibridizados por *outras* formas de pensamento (BUSSOLETTI, 2007; COSTA, 2014; MARTINO, 2015; DUARTE, 2017; VARGAS, 2018; RIBEIRO, 2018). Como exemplo, podemos pontuar a pesquisa desenvolvida por Bussoletti (2007) na qual, ao realizar um estudo psicossocial crítico sobre as representações do *Outro* na escrita de pesquisa, utilizando-se da alegoria da infância para isso e assumindo o surrealismo etnográfico como possibilidade metodológica, fez da poética um elemento central e decisivo do processo narrativo. Esse trabalho como um todo inaugurou - e vem se consolidando por meio de - uma abordagem de pesquisa exercida por meio do surrealismo etnográfico. Toda a concepção da estética de escrita do trabalho final inter-relaciona as discussões teóricas, com as narrativas obtidas na pesquisa de campo, trazendo a poesia e as artes visuais como espaços de reflexão teórico-conceituais críticos em si, como textos expressos em estética e passíveis de significações, sem a necessidade de tradução e simplificação dos conceitos ali expostos.

Costa (2014) desenvolveu seu estudo em uma perspectiva na qual o surrealismo etnográfico foi utilizado como metodologia de pesquisa em uma investigação que analisava narrativas, escritas e desenhos, acompanhados da criação de esculturas de imagens religiosas, relacionando essas experiências com histórias e narrativas oralmente compartilhadas durante esses encontros. Nesse caso, o surrealismo etnográfico

possibilitou uma abordagem por meio da qual o vídeo, escultura, fotografia, poesia, literatura e oralidade dialogaram, resultando em uma escrita de pesquisa que valorizou o fragmento, o estético, permitindo o mergulho em espaços contidos nos silêncios, na estética e em reflexões genuínas.

De modo semelhante, Martino (2015), em sua investigação sobre memória culinária, desenvolveu oficinas nas quais essa prática servia de suporte para que, por intermédio da literatura, escrita e poesia, as narrativas orais pudessem se expressar não apenas por palavras, mas em sensações e memórias oriundas da relação com os alimentos, com a estética literária, com o simbólico e com a poética. Assim como nos encontros com os grupos de trabalho, o surrealismo etnográfico foi empregado como metodologia que se abriu ao campo do imaginário, do sinestésico e do estético, possibilitando a imersão em possibilidades reflexivas sobre as narrativas na inter-relação entre as diferentes linguagens e possibilidades estéticas produzidas. O câmbio incessante entre as simbologias e o re/significar dos elementos surgidos nos encontros suscitou o caráter de novidade ao estudo. A poética e a escrita estimulando o imaginário do leitor foram importantes elementos de diálogo para essa autora desenvolver o seu trabalho.

Já Duarte (2017), propondo em seu estudo um conceito de educação desordeira, utilizou a vídeo arte como mote investigativo com o intuito de adentrar ao universo das poéticas das infâncias de maneira alegórica para, a partir dos conceitos de Walter Benjamin, refletir sobre *outras* possibilidades à educação no século XXI. Nesse caso, o surrealismo etnográfico contribuiu para o diálogo estético entre os olhares das crianças, a partir dos vídeos produzidos e a imersão reflexiva que a pesquisadora desenvolveu a partir de suas observações em campo empírico e a criação de um trabalho em vídeo arte como possibilidade para se re/pensar as potencialidades que a estética e o sensível podem ter para o futuro da educação em nosso país. Além disso, esse trabalho também se utilizou do surrealismo etnográfico como base epistêmica para se propor *outras* alternativas para as defesas de trabalhos acadêmicos, em especial na área da educação, uma vez que, durante sua apresentação final, foi criada uma instalação artística, na qual o contexto sinestésico entre a obra de arte - produzida a partir trabalho empírico de pesquisa acadêmica - e o público ali presente, já fornecia elementos estético-reflexivos ao conteúdo do que seria defendido formalmente em uma banca pública de doutoramento, ou seja, como um texto em estética⁵, uma partilha do sensível agregando elementos estéticos ao

⁵ Quando mencionamos “texto em estética”, estamos nos referindo à proposta, defendida por Vargas (2018), sobre as possibilidades de hibridizações de escritas-estéticas e os processos

conteúdo da defesa. Nesse caso, sobretudo para a área da educação no Brasil, os campos artístico e educativo estavam de tal modo imbricados que propunham a estética enquanto fronteira hibridizadora do conhecimento, como instância relacionada ao cognitivo-afetivo-significativo.

Vargas (2018), em seu trabalho intitulado “Dramaturgia da corporeidade: a pedagogia do evento teatral”, utilizou-se do surrealismo etnográfico para aprofundar suas reflexões acerca das dinâmicas entre a palavra e o subtexto, pontuando a corporeidade como um dos meios potencializadores dos processos cognitivo-afetivo-significativos, explicados por meio do excedente de visão estético. Nesse trabalho, o vivenciamento estético foi discutido a partir de uma perspectiva ainda não realizada nos estudos sobre recepção estética e partilha do sensível, sobretudo no que se refere à recepção teatral. O surrealismo etnográfico propiciou os elementos necessários para que a escrita de pesquisa se abrisse à imagem, à estese, ao vivenciamento estético, à sinestesia, ao virtual e às artes cênicas, com o intuito de se refletir sobre possibilidades ainda não levantadas nos estudos que se propunham a refletir sobre os campos do inconsciente estético e sobre as artes de um modo geral. Além disso, ao levantar reflexões relacionadas ao vivenciamento estético e ao explicar os meios sobre como se desenvolvem os processos cognitivo-afetivo-significativos por meio do excedente de visão estética, esse trabalho também elucidou o evento teatral como um momento educativo a partir de uma perspectiva ainda não contemplada tanto nas pesquisas em educação, quanto em artes cênicas. As questões sobre a aplicabilidade do surrealismo etnográfico à pesquisa, enfatizando seus matizes por via da estética apresentam subsídios potentes e inovadores com esse trabalho.

Na pesquisa de Ribeiro (2018), o surrealismo etnográfico serviu de abordagem para desenvolver um trabalho enfocando a barbárie relacionada à infância de crianças e adolescentes que estudaram em uma escola agrícola no interior do Rio Grande do Sul (RS). Porém, com o intuito de contar essa história, foram utilizadas fotografias, oriundas dos arquivos dessa instituição. Como se tratou de um trabalho utilizando o surrealismo etnográfico, com uma forte influência nas reflexões de Walter Benjamin, essa pesquisa se desenvolveu por meio de uma abordagem não-linear da história, valorizando o que há no contido em cada fragmento, seja ele na forma de documentos escritos, fotografias ou elementos que se abriam a possibilidades de buscas por uma escrita de pesquisa híbrida entre imagem, poética e textos em palavras. Nessa pesquisa, a autora enfatizou aspectos

cognitivo-afetivo-significativos para tais feitos. Nesse tipo de proposta, múltiplas linguagens artísticas borram suas fronteiras para se coadunarem em reflexões possíveis por meio da estética.

do surrealismo etnográfico relacionados aos seus potenciais metodológicos à utilização em pesquisas que, de alguma maneira, desejem adentrar à história, porém livre das acepções tradicionais, hegemônicas e normatizadas como o formalismo acadêmico brasileiro o tem feito até então. Ressaltam-se nesse trabalho as reflexões que a autora propõe sobre a utilização do surrealismo etnográfico como metodologia para pesquisas que desejem contar a história a partir de uma perspectiva *outra* das tradicionalmente desenvolvidas nos estudos acadêmicos, agregando a poética e a imagem como interlocutores desse processo.

Porém, antes de dar prosseguimento a esse texto, com o intuito de não confundir o surrealismo etnográfico com outras abordagens metodológicas de pesquisa em ciências humanas, salientamos que o surrealismo etnográfico apesar de apresentar aproximações com a pesquisa ação, observação participativa, pesquisa participante, pesquisa participativa e cartografia, ele se diferencia dessas metodologias por se abrir a reflexões *outras* sobre a realidade. No surrealismo etnográfico, não há distanciamento, neutralidade, diagnóstico ou avaliação de aspectos estranhos a si quando se está imerso no processo investigativo, requisitos esses geralmente presentes em algumas metodologias citadas acima. O surrealismo etnográfico congrega alguns princípios que dialogam com todas essas propostas metodológicas citadas anteriormente, ele se entrega a uma análise que se liberta e se protege de seguir normas e princípios positivistas e lineares de observação da realidade. Não há um objetivo específico e necessário de se desenvolver ações de conscientização ou disparadores de reflexões sobre determinadas temáticas em um grupo que se esteja investigando, não é imprescindível que se descreva um panorama de situações e/ou características, fatores esses característicos em algumas metodologias de pesquisa.

O surrealismo etnográfico permite que se reflita sobre o assunto de interesse sob pontos de vista que não necessitam estar arraigados dentro das dogmatizações de realidade instituídas como únicas possibilidades, nem tampouco de seguir um percurso de pesquisa de maneira cronológica, linear, organizando as informações e caminhos de maneira previamente determinada por normatizações acadêmicas tradicionais e hegemônicas. Além disso, ele também permite que *outras* linguagens e hibridizações de análises possam dialogar com o intuito de fomentar as discussões e reflexões que se estão sendo investigadas, de maneira viva, incessante e sempre em movimento de reflexão. Essa metodologia também possibilita investigar aspectos que estão presentes nos silêncios, nos não-ditos, em nuances do inconsciente, em possibilidades de diálogos reflexivos entre

diferentes tipos de linguagens literais e estéticas que permitam expandir as reflexões e/ou questionamentos a patamares até então não contemplados por outras perspectivas investigativas, os quais se manifestam por meio de uma escrita em estética, a qual se faz possível quando se incluem as linguagens artísticas em suas amplitudes para o prosseguimento da escrita reflexiva no trabalho que se está desenvolvendo (VARGAS, 2018). Referimos à escrita hibridizando-se com elementos estéticos das linguagens artísticas sempre enfatizando que jamais se reduzam as possibilidades e potencialidades das artes e da estética a meros recursos ilustrativos para tais escritas em estética. A escrita em estética se legitima e se possibilita por meios reflexivos em si, que estimulam a reflexão, os processos cognitivo-afetivo-significativos, ou seja, não são apenas representações ilustrativas do que se está escrevendo por meio de palavras em um texto (VARGAS, 2018).

Devido à novidade e da pouca divulgação da metodologia do surrealismo etnográfico, apresentada por Bussoletti (2007) a partir de uma adaptação e ampliação das propostas de Clifford (2008), salientamos que essa abordagem, por se constituir viva, ainda está em construção e, justamente por esse motivo, nesse texto não se encontram normas e itens que se configurem como um *check list* para futuras pesquisas que desejem empregar essa metodologia em suas investigações. Para tanto, faz-se necessário observar e analisar, a partir dos trabalhos que vêm sendo realizados, o como prosseguir em uma pesquisa que se deseje essa abordagem. O mais importante, neste momento, é a compreensão das possibilidades reflexivas que podemos obter por meio desse delineamento. Dessa maneira, aqui neste artigo, apresentamos possibilidades sobre como nosso grupo de pesquisas vem desenvolvendo seus estudos, reiterando que estamos sempre em constante processo de aperfeiçoamento, investigação e reflexão sobre a proposta do surrealismo etnográfico como um todo.

Anteriormente, neste texto, foi mencionado que o surrealismo etnográfico não deve ser confundido com a metodologia de cartografia. As buscas da inter-relação dos procedimentos adotados para o desenvolvimento desta proposta têm procurado refletir inclusive sobre a aplicação do surrealismo etnográfico como abordagem possível para as pesquisas em artes cênicas (VARGAS; BUSSOLETTI, 2015; BUSSOLETTI; VARGAS, 2015; VARGAS, 2018). Entretanto, as aproximações com a metodologia de cartografia, sobretudo pela maneira como ela é utilizada nas artes cênicas, apresentam um diálogo importante de ser aqui pontuado, com o intuito de que se observem as similitudes, aproximações, hibridizações e diferenças entre estas metodologias, quando utilizadas nesta área do

conhecimento (FERRACINI, 2006; 2013; FARINA, 2008; LEONARDELLI, 2008; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010; ROLNIK, 2011; RABELO, 2014; FERRACINI *et al.*, 2014; VARGAS, 2018). Nessas propostas de cartografia, o pesquisador deve se colocar em um exercício de pesquisa aberto ao holístico, em um traçar territórios, sejam eles objetivos e/ou subjetivos (RABELO, 2014).

Entretanto, como o surrealismo etnográfico se abre às possibilidades de reflexão considerando, assertivamente, os aspectos relacionados ao inconsciente, podendo inter-relacionar a isso vivenciamentos e sensações sinestésicas durante esse processo, ele requer uma escrita que se reivindique híbrida, um *por-entre* linguagens (VARGAS, 2018). Existem aproximações e similitudes entre o surrealismo etnográfico e a cartografia em artes cênicas, as quais também necessitam ser expostas, com o intuito de não se ignorar alguns aspectos entre elas, nos quais se possam borrar algumas fronteiras que talvez existam, assim como, também, de se elucidar as diferenças ontológicas entre essas metodologias de pesquisa a fim de que não se confunda qual delineamento se está utilizando em determinado estudo (VARGAS, 2018). Em alguns países, a metodologia de cartografia também é chamada de investigação nômade ou rizomática, apesar das diferenças de nomenclatura, Farina (2008, p. 09) considera que se tratam de “um estudo das relações de forças que compõem um campo específico de experiências”. Essas relações de forças, segundo Ferracini *et al.* (2014, p. 228), podem buscar “diluir, de outro lado, as fronteiras e limites que muitas vezes separam o conhecer, do fazer, o investigar, do intervir”, estando presentes em uma primeira etapa da constituição de “territórios existenciais”. Essas características corroboram para se observar as singularidades e necessidades de abordagens investigativas específicas às peculiaridades, potencialidades e possibilidades das pesquisas nessa área do conhecimento, apontando especificidades, inclusive, para alternativas reflexivas para esse campo do saber, ampliando as possibilidades reflexivas de seus achados, caminhos, percursos, processos, abordagens e, sobretudo, quando se trata de uma área que hibridiza o que as tradições nos campos do conhecimento costumam normatizar como apartadas ou não dotadas de potencial gerador afetivo-cognitivo-significativo.

Nesse sentido, a cartografia dialoga com o surrealismo etnográfico por buscar propor discussões que parem sobre aspectos semelhantes aos apresentados no parágrafo anterior. Entretanto, a cartografia, nessa área do conhecimento, busca traçar territórios, seus processos, devires, passagens, devaneios, desvios e caminhos, territórios esses que Ferracini *et al.* (2014, p.221) consideram como sendo uma

intrincada rede de materialidades e afetos que, apropriados de forma expressiva, findam por constituir corpos, paisagens, lugares para viver. Esses lugares não pré-existem. É preciso organizar um espaço limitado e traçar um contorno em torno de um centro frágil e incerto.

Essas identificações/demarcações envolvidas nas investigações cartográficas, embora sejam constituídas, em sua essência, por processos que reivindicam a liberdade, o devaneio e a fluidez em seus percursos, não se constituem em trabalhos imprecisos e/ou seguindo outras metodologias de pesquisa tradicionais e costumeiras em ciências humanas. Porém, há que se considerar que, dadas as singularidades epistemológicas e ontológicas das pesquisas utilizando a cartografia, ainda mais quando não as apartamos do campo investigativo da educação e das artes, há que se compreender a existência de processos cognitivo-afetivos particulares nesses campos do conhecimento (VARGAS, 2018). Por outro lado, no surrealismo etnográfico se desvanece a noção de território, pois se pretende borrar os entre-espacos de liminaridade, assumindo a sinestesia como peculiaridade dotada de diversos matizes não apenas nas relações no/para com o mundo e o sujeito, mas adentrando seus recônditos em busca de apreender, ao longo desse processo, como se processa o particular meio de significação em estética. Mais do que traçar/descobrir/desvelar rotas, caminhos, vetores, o surrealismo etnográfico se abre à possibilidade afetivo-cognitivo-significativa para a asserção de possibilidades, experiências e vivenciamentos compreendidos em estética, propondo a estética como um matiz do processo educativo, uma via com particularidades ontológicas próprias (VARGAS, 2018). No surrealismo etnográfico, não há a necessidade de mapeamentos, os diálogos reflexivos se põem acima das rotas, ou configurações, eles se libertam inclusive dos direcionamentos lineares, das cronologias, das rotas pré-determinadas, pois, no surrealismo etnográfico, o instante, o fragmento e os detalhes interessam mais como amplitudes reflexivas, do que seus percursos em processo empírico de pesquisa (VARGAS, 2018).

Além disso, por se constituir em um campo reflexivo amplo e dado a justaposições, o surrealismo etnográfico se liberta das ordenações, normatizações e cronologias tradicionais e estruturalmente organizadas como possibilidades de se desenvolverem pesquisas nas áreas das ciências humanas. Também salientamos que a abordagem de surrealismo etnográfico aqui apresentada como delineamento de pesquisa não se refere necessariamente ao desenvolvimento de investigações utilizando parâmetros artísticos e estéticos, conforme os caracterizados nas obras surrealistas criadas por alguns artistas.

Essa opção poderá ocorrer e será legítima, caso se opte por ela. Porém, essa proposta do surrealismo etnográfico é uma expansão da abordagem de Clifford (2008), adaptada por Bussoletti (2007) – a qual vem sendo desenvolvida e aprimorada ao longo dos anos pelos membros do NALS -, tendo por base, alguns dos princípios relacionados ao movimento surrealista – descrito por Breton (2001). O que expomos, permite uma abordagem artística ou de investigação acadêmica não focada essencialmente no fazer artístico em quaisquer opções estéticas e poéticas, ela se abre de acordo com os ensejos do pesquisador e/ou artista que esteja se propondo a desenvolver seu trabalho por essa via. A questão surrealista vai além das observações e trabalhos sob essa (ou nessa) estética (a surrealista), ela se refere a algo a mais, de análise e reflexão, um *modus operandi* de se compreender o mundo e que se abre a *outros* tipos de justaposições e inferências investigativas que permitam o trânsito de pesquisa em uma atmosfera de realidade *outra* que não necessariamente as tradicionalmente instituídas e/ou institucionalizadas (VARGAS, 2018).

Ao aproximar as propostas de Breton (2001) e Clifford (2008) às proposições de Bussoletti (2007), acreditamos que estamos permitindo uma ampliação ainda mais profunda e abrangente para essa abordagem, possibilitando que esse tipo de delineamento se abra a quaisquer áreas do conhecimento em que pesquisa, campo de pesquisa e pesquisador estejam mútua e ativamente fazendo parte desse processo, sendo o próprio processo, vivenciando-o, sem objetivos de afastar-se pra descrevê-lo de maneira distanciada. Mas, estando inserido nele, experienciando-se para experienciá-lo, para vivenciá-lo, compreendê-lo, compreender-se nesse processo e, assim, desenvolver a pesquisa sob um ponto de vista *outro*, liberto das amarras tradicionalmente estabelecidas pelo meio acadêmico (VARGAS, 2018).

Outras escritas para o surrealismo etnográfico

A operacionalização de estudos utilizando o surrealismo etnográfico necessita, assim, de uma escrita que se proponha a *outros* panoramas reflexivos, inclusive sobre a própria maneira de conceber essa escrita (BUSSOLETTI, 2013). Quando referirmos escrita de pesquisa ao longo desse texto, estaremos concebendo-a no campo da educação a partir do que Bussoletti (2011, p. 02) reconhece como

uma prática através da qual a escrita e o conhecimento acontecem no diálogo vivido em campo e na relação com o 'Outro' do pesquisador. Através da temática da alteridade e, nesta dinâmica, é que a escrita busca constantemente incorporar novas 'vozes' e transformar os sentidos conferidos pelo hábito e pela rotineira utilização.

Nesse sentido, também aliamos a isso o que Amorim (2001, p.19) afirma: "É, portanto, a espessura discursiva que se coloca aqui como horizonte e como limite da análise do texto de pesquisa, pois a construção de sentido de todo discurso é, por definição, inacabável". Acrescentando a isso, concebemos que uma escrita de pesquisa em surrealismo etnográfico requer o que Amorim (2002, p.10) expõe ao dizer que

[...] a escrita pode ser uma viagem. A hipótese de partida é a seguinte: quanto mais um autor se autoriza um verdadeiro trabalho de escrita em seu texto de pesquisa, mais ele será, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo.

Dentro dessa perspectiva, concordamos com o que Novarina (2009, p. 43) expressa, ao referir que:

Na escrita, toda a caverna do corpo ressoa de memória; as palavras cavam e trançam uma fuga; elas descem, pela dança, na própria matéria do pensamento. [...] O desejo é ir mais longe na língua, descer até sua sombra, seus movimentos secretos, *tirar* todas as cores, encontrar todas as marcas.

Consideramos que a imersão na vivência da prática de pesquisa, seguindo a proposta de surrealismo etnográfico, requer um tipo de escrita em que conceitos, textos, reflexões possam ser abordados e fazerem parte do processo vivenciado pelo pesquisador, sem que necessitem apenas de palavras escritas para expressá-los, conforme as normas e formalismos dos textos acadêmicos tradicionais o fazem. Segundo Vargas (2018, p. 63), "as palavras se preexistem e, nesse preexistir é que o surrealismo etnográfico permite que avancemos nesse entre-espço", pois sendo assim, conforme Novarina (2009, p. 14):

O que as palavras nos dizem no interior onde ressoam? Que não são nem instrumentos de escambo, nem utensílios para se pegar e jogar. [...] elas ressoaram muito antes de nós; chamavam-se umas às outras muito antes que estivéssemos aqui. As palavras pré-existem ao teu nascimento. Elas razoaram muito antes de você.

De acordo com Vargas (2018), a percepção de que a escrita em palavras pode apresentar limites ao se avançar no espaço investigativo do surrealismo etnográfico, significa que suas navegações pelo universo do inconsciente e/ou pelo campo emocional, estético, sensorial e afetivo encontram limites passíveis de serem borrados, posto que podem agregar em suas abordagens reflexões sobre variáveis distintas das possivelmente

asseguradas pela razão e lógica instituídas. Essa peculiaridade confere ao surrealismo etnográfico uma particular capacidade de liberdade em campo de pesquisa, uma vez que se está sempre em busca do novo, em como abordá-lo e em como trazê-lo à tona quando sua ontologia não couber mais em palavras (VARGAS, 2018). Nesse sentido, referimos à alegoria do nó cristalográfico, proposta por Bussoletti (2011, p. 08), expondo que:

[...] a cristalografia como a ciência que estuda os cristais permite uma via de acesso à imagem [...] possui a valoração imaginária de algo que se coloca pela visão, quer seja pelo cristalino do olho, quer seja pela tabulação poética das luzes cristalinas do olhar. O nó cristalográfico, enquanto imagem poética, permite, assim, entre o estranhamento e a familiarização, que representemos os movimentos de tensão e ambivalência necessários para a compreensão da imaginação criadora no exercício da escrita de pesquisa surrealista. [...] espaço onde as antíteses e a consciência da ambivalência são instrumentos que produzem a dinâmica necessária da ruptura em busca da palavra nova.

Desse modo, ao propor abordagens que se aprofundem em perspectivas prismáticas, conforme a alegoria citada acima, nas quais a imagem é assumida como texto, conteúdo reflexivo em si e não como elemento ilustrativo, enlaçar os tópicos surgidos durante a vivência do processo de pesquisa, propicia mergulhar em reflexões que fogem ao bi, tridimensional, assumindo a alegoria do prisma cristalográfico como uma abertura aos múltiplos olhares e trânsitos que podemos ter em relação aos focos de análise e escritas de pesquisa, assim como a todos os fragmentos e fragmentares emergidos ao longo desse processo. Segundo Vargas (2018), essa acepção, possibilitaria, inclusive, a abertura e a ampliação de possibilidades para escritas em que a poesia, literatura, teatro, elementos virtuais, fotografia, música, circo, dança, *performance art*, vídeo, demais artes e elementos em estética possam se constituir em suas próprias existências, imagens, experiências e linguagens, como alternativas legítimas de inclusão na escrita de tais trabalhos, sem se proporem a ser meras alternativas de ilustrações para esses textos. Na busca de encontro dos nós, justaposições e ambivalências, problematizados sob esse ponto de vista, significa que também necessitamos surrealizar não apenas a escrita, conforme Bussoletti (2011, p. 08) afirma, mas “surrealizar a escrita para mais uma vez reafirmar a pesquisa e a educação como um inquieto ofício e um imenso risco [...] Afinal, não é esse o destino das coisas que se reivindicam vivas?”.

Concebendo-se isso, a escrita relacionada a esse tipo de abordagem de pesquisa também requer uma perspectiva de expansão para além do que as palavras conseguem apreender, já que existem elementos investigados e achados reflexivos que se

expressam por vias *outras* (VARGAS, 2018). Nesse sentido, concordamos com o que Novarina (2009, p. 17) se refere ao dizer que:

As palavras são como caroços que é preciso quebrar para liberá-los pela respiração. A palavra, primitivamente, é algo *enterrado*: alguma coisa que quebra por dentro; a linguagem é mineral e se abre, soprada. [...] A língua é o chicote do ar.

A essência surrealista, sob a via da estética, nos permite ir além dos significados contidos apenas nas palavras, trazendo o imagético e o sinestésico como aberturas a *outros* patamares reflexivos, libertos dos filtros tradicionais condicionantes de um *logos* determinado (VARGAS, 2018). Por esse motivo, expomos o que Bussoletti (2011) reflete sobre as inter-relações entre surrealismo e o nó cristalográfico na escrita de pesquisa ao dizer que

Propomos assim o reencontro com a aventura surrealista, utilizando o termo num sentido “expandido”, numa tentativa de circunscrever a estética da escrita pelos horizontes cambiáveis e distintos da ciência e da arte, apostando nas trocas e no fazer emergir de novas possibilidades de ciência e de realidade. [...] A “surrealização” da escrita de pesquisa é uma aproximação ao conceito de “surracionalismo” de Bachelard (1936), onde o autor possuía outra concepção de razão que incorpore ao pensamento exercido da liberdade de criação tal como o surrealismo opera nas artes (BUSSOLETTI, 2011, p. 03-04).

A grande área das ciências humanas, sociais e a educação, assim como o campo poético, das artes, do alegórico e do simbólico, ao serem integrados em perspectivas de escrita e análise que demandem movimentos diferenciados dos tradicionais, podem fomentar o surgimento de novas questões sobre o processo de re/significação, relação, recepção e diálogo, contribuindo para o pensar de novas alternativas de pesquisa no contexto contemporâneo. Onde as palavras não alcançarem limites além da razão, onde não mais tiverem condições de explicar o que pulsa nos silêncios, consideramos que as artes podem expressar o que se deseja compartilhar naquele instante (VARGAS, 2018). Por esse motivo, a ampliação de tais conceitos também pode se potencializar aliada à utilização de alegorias, pois se adentra em campos ainda pouco tocados, já que conforme Benjamin (1984, p. 208) parece sugerir: “É sob a forma de fragmentos que as coisas olham o mundo através da estrutura alegórica”.

A concepção de surrealismo etnográfico nos permite passar das superfícies, do aparente e adentrar na investigação do por-entre espaços que não se limitam ao já posto (VARGAS, 2018). Da forma como o surrealismo etnográfico é por nós proposto, requer que

se busque matrizes de sensações para além de aonde as rotundas da razão conseguem ir. De certo modo, esse também é um meio de busca por um tipo de re/encontro para um futuro compartilhamento. Novarina (2009, p. 14) afirma que:

O interior é o lugar não do *meu*, não do *eu*, mas de uma passagem, de uma fresta por onde o sopro estrangeiro nos pega. No interior de nós, no mais fundo de nós, há uma via escancarada: somos por assim dizer *furados*, à luz do dia, a céu aberto.

Conceber que a escrita de pesquisa não se compõe apenas das palavras que são organizadas para materializar as observações realizadas ao longo do campo onde a investigação de pesquisa se processa, configurando-se como característica essencial do surrealismo etnográfico. De acordo com esse ponto de vista, deixamos perspectivas para que as práticas e escritas de pesquisa em educação, artes e ciências humanas em geral se abram para possibilidades *outras*, oferecendo meios diferenciados para que o leitor signifique as informações ali abordadas (VARGAS, 2018). Além disso, também consideramos que com isso se está dando abertura para *outros* delineamentos metodológicos e epistemológicos que dialoguem com as necessidades de interlocução dos sujeitos do conhecimento em uma realidade contemporânea. Nessa perspectiva, a escrita de pesquisa não necessita se proceder apenas por meio de palavras textuais, mas também pode se abrir à inclusão da escrita-estética, na qual *outras* linguagens também possam se legitimar e se fundamentar para expressar aquilo que seria limitado às palavras de expressarem sob a forma de textos acadêmico-formais (VARGAS, 2018).

Considerações Finais

A proposta metodológica do surrealismo etnográfico para ser usada nas pesquisas da grande área das ciências humanas ainda é nova e está em processo de desenvolvimento/aprimoramento constante. Entretanto, nosso grupo de pesquisas já vem realizando investigações acadêmicas na área da educação se utilizando dessa premissa como uma alternativa contemporânea a *outras* possibilidades reflexivas para estudos nesse campo do conhecimento (BUSSOLETTI, 2007; COSTA, 2014; BUSSOLETTI; VARGAS, 2015, 2016; MARTINO, 2015; VARGAS; BUSSOLETTI, 2015; DUARTE, 2017; VARGAS, 2018; RIBEIRO, 2018). A partir de nossas experiências, acreditamos que a proposta de surrealismo etnográfico ampliada por Bussoletti (2007), tomando por inspiração os

indícios deixados por Clifford (2008), quando este último teceu suas considerações sobre essa possibilidade de abordagem metodológica por essa perspectiva, se preste a pesquisas nas quais as perspectivas reflexivas direcionem seus olhares para *outras* possibilidades, *outras* achados, *outras* vias, diferenciadas das comumente abordadas nos estudos dessa área, inclusive sob o ponto de vista do percurso em campo investigativo.

Trabalhar com o surrealismo etnográfico requer um pesquisador que se abra e valorize os fragmentos, os detalhes, que perceba elementos da importância de refletir sobre aspectos muitas vezes despercebidos pelas análises, motes de pesquisa e variáveis comumente utilizadas nos estudos acadêmicos que seguem as metodologias tradicionais para o desenvolvimento de investigações nessa área (VARGAS, 2018). Mais importante que uma lista de itens e etapas a serem desenvolvidas em uma linha do tempo cronológica unidirecional para o trabalho de pesquisa, no surrealismo etnográfico há que se estar atento e entregue às peculiaridades do sensível, do estético, das subjetividades, para se compreender por quais meandros e de que maneiras elementos reflexivos importantes possam estar pairando e desejando serem aprofundados sob a perspectiva acadêmica que até então, dadas suas propostas tradicionais de metodologias de pesquisa, ainda não conseguiam fazê-los serem percebidos. O surrealismo etnográfico se liberta de quaisquer cronologias tradicionalmente instituídas para propiciar ao pesquisador uma liberdade em campo reflexivo, na qual o mais importante é o conteúdo, seus processos, movimentos, experiências e possibilidades que possam vir a ser refletidos. Para tanto, há a necessidade de se buscar uma escrita de pesquisa que se constitua híbrida, borrando as possibilidades entre a escrita por meio de palavras textuais e a escrita em estética ou, como Vargas (2018), nomeia, uma escrita-estética, ampliando as possibilidades reflexivas do campo da educação em um profundo, constante e necessário diálogo com as artes, com a estética e com todos os seus potenciais cognitivo-afetivo-significativos. Ainda há muito que se desenvolver nas abordagens que utilizam o surrealismo etnográfico como proposta metodológica, mas sentimos que estamos traçando um caminho para se pensar na própria pesquisa na área das ciências humanas que atenda às singularidades de abordagens reflexivas mais próximas às diversidades de possibilidades presentes no século XXI.

Referências

AMORIM, Marília. *O Pesquisador e Seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo/SP: Musa, 2001.

_____. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 07-19, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo/SP: Brasiliense, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2011.

BRETON, A. *Manifesto do Surrealismo*. Rio de Janeiro/RJ: Nau Editora, 2001.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. *Infâncias monotônicas – Uma rapisódia da esperança – Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa*. [Tese de doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Doutorado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2007.

_____. Nostos: Uma viagem pelas palavras nômades de Clarice Lispector. *Espéculo. Revista de estudos literários*. n. 45, Madrid, 2010. Disponível em: <<https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero45/nostoscl.html>>. Acesso em: 21 maio 2015.

_____. O “nó cristalográfico” da imaginação criadora: escrita de pesquisa, surrealismo e representações sociais. *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 57, v.01, p. 01-09, 2011. Disponível em < <http://www.rieoei.org/deloslectores/4195Marcos.pdf>>. Acesso em: 01 dezembro 2014.

_____. A outra: Representações da alteridade na escrita de Clarice Lispector. *Espéculo Revista de estudos literários*. n. 51, p.78-88, 2013.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. Art and Aesthetics of Ginga: Boundary for the Future in the in-Between Places of Diversity. *Global Journal of Human Social Science*, v. 13, n. 04, p. 1-10, 2013.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. Por entre fronteiras de uma pedagogia que pauta a educação pelas artes gingando saberes e práticas populares. *Revista Extraprensa*, v.01, n. 14, p. 41-48, 2014.

_____. Entre-Fronteiras: Epistemologias para o futuro da educação por meio da diversidade – Pedagogia da Fronteira e Estética da Ginga. *Portuguese Studies Review*, v.24, n.01, 2016.

_____. O surrealismo etnográfico e o nó cristalográfico como outras epistemologias para a escrita e pesquisa em educação. *Revista Querubim*, ano 11, n. 27, v. 01, p. 131-136, 2015.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza; RIBEIRO, Cristiano Guedes. Narrativas populares: O griô e a arte de contar histórias. *Cadernos de Pesquisa*, v. 21, n.1, p. 01-14, 2014.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

COSTA, Cléber José da Silveira. *Linguagens-Resistências: Narrativas, escritas e desenhos no barro*. [Dissertação de Mestrado]. Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas/RS, 2014.

DUARTE, Krischna S. *Educação desordeira: poéticas das infâncias em videoarte*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Educação, Doutorado em Educação, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas/RS, 2017.

FARINA, Cynthia. *Arte e formação: Uma cartografia da experiência estética atual*. In.: 31º Reunião Anual da ANPED, Caxambu/MG. Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação, 2008. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf>>. Acesso em: 20 outubro 2017.

FERRACINI, Renato. *Café com queijo: Corpos em criação*. São Paulo/SP: Aderaldo e Rothschild Editores: Editora FAPESP, 2006.

_____. *Ensaio de atração*. São Paulo/SP: Perspectiva, 2013.

FERRACINI, Renato; LIMA, Elisabeth M. F. Araújo; CARVALHO, Sergio Resende de; LIBERMAN, Flavia; CARVALHO, Yara M. de. Uma experiência de cartografia territorial do corpo em arte. *Revista Urdimento*, v. 01, n. 22, p. 219-232, 2014.

LEONARDELLI, Patrícia. *A memória como recriação do vivido – Um estudo da história do conceito de memória aplicado às artes performativas na perspectiva do depoimento pessoal*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Doutorado em Artes Cênicas, Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP). São Paulo/SP, 2008.

LOWY, M. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo/SP: Busca Vida, 1987.

MARTINO, Junelise Pequeno. *Memória culinária – Ler, cozinhar e escrever*. [Dissertação de Mestrado]. Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

NOVARINA, Valère. *Diante da palavra*. Rio de Janeiro/RJ: 7 Letras, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre/RS: Sulina, 2010.

RABELO, Antonio Flávio Alves. *Cartografia do invisível: Paradoxos da expressão do corpo-em-arte*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena. Doutorado em Artes da Cena. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas/SP, 2014.

RIBEIRO, Angelita Soares. *Imagens embriagadas – A cruzada das crianças – Barbárie e reencantamento do mundo*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutorado em Educação. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas/RS, 2018.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre/RS: Sulina/Editora da UFRGS, 2011.

VARGAS, Vagner de Souza; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Surrealismo etnográfico: Base epistemológica para a pesquisa em artes cênicas. *Revista Boitatá*, n. 20, p. 301-316, 2015.

VARGAS, Vagner de Souza. *Dramaturgia da corporeidade: A pedagogia do evento teatral*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutorado em Educação. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas/RS, 2018.

Submetido em 18/11/2017

Aprovado em 07/06/2018

Licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)